

## APRESENTAÇÃO

Contando com vários colaboradores internacionais, o presente volume reúne ensaios sobre muitos aspectos da literatura brasileira, hispano-americana e europeia, seguindo a tendência dos últimos números publicados. Convidamos nossos leitores a apreciá-los devidamente a fim de que nos proporcionem, mais uma vez, a sensação de que alcançamos nossos objetivos.

Com relação à importância dos artigos publicados neste volume, bastaria afirmar que se referem a nomes de ressonância mundial como Primo Levi e Mia Couto, ou a autores provavelmente menos conhecidos do público brasileiro como Eduard Mörike ou Donato Ndongo Bidyogo e Roberto Ramos Bañados. Há espaço ainda para interessantes reflexões sobre a poesia de Jorge de Sena, sobre o discurso da loucura na narrativa de Fernando del Paso e sobre os contos do escritor brasileiro contemporâneo Luiz Vilela.

Não poderíamos deixar de mencionar também a aprofundada análise dos relatos de viagem do navegador português Fernão Mendes Pinto, do século XVI, além do ensaio que investiga a poesia do chileno Diego Maquieira. Destaca-se também a exaustiva análise da obra *Arte de la lengua mexicana* de Andrés de Olmos, a primeira gramática da língua do povo mexicano náhuatl, escrita por volta de 1545.

Evitando antecipar o que certamente nossos leitores encontrarão com muita clareza nos ensaios aqui propostos e aproveitando esta apresentação para lembrar os 500 anos da morte de um dos maiores gênios da humanidade, gostaríamos de pedir permissão para brevemente discorrer sobre a vida, sobre a obra e, sobretudo, sobre a atividade de escritor e de pensador de Leonardo da Vinci. Por não ter sido possível elaborar um dossiê sobre os seus escritos e reflexões, procuraremos compensar esta nossa “falha” com uma breve análise da intensa atividade do artista florentino.

Para uma investigação mais aprofundada da mente genial de Leonardo, é preciso inicialmente refletir sobre a aventura do conhecimento humano a partir de outro grande gênio italiano nascido dois séculos antes e na mesma belíssima Toscana: Dante Alighieri. Dante fez profundas reflexões sobre o conhecimento humano na *Divina Commedia*. No famoso canto XXVI do *Inferno*, as personagens homéricas Ulisses e Diomedes são colocadas entre os conselheiros de enganos e condenadas a vagar para sempre dentro de chamas errantes. O canto tem início com a famosa invectiva contra Florença que culmina na profecia da destruição final da cidade. Em seguida o eu poético ou a “personagem” Dante fornece inequívocos sinais aos leitores, advertindo-os para os perigos que se aproximam, isto é, para o fim trágico de Ulisses (evidentemente, de acordo com a fantasia de Dante, pois na Odisseia de Homero não há referência à morte do herói).

Imaginando a última ousadíssima viagem de Ulisses em direção à montanha do Purgatório, situada em um ponto impreciso do Hemisfério Sul, ao menos de acordo com o imaginário medieval cristão, o poeta coloca na boca dele palavras de Aristóteles destinadas a estimular os marinheiros, já velhos e cansados, impelindo-os a prosseguir a viagem rumo a um desconhecido e fatal destino. Tais afirmações aristotélicas, extraídas da *Ética*

a *Nicômaco*, refletem sobre a natureza dos seres humanos, destinados ao conhecimento e à virtude.

Assim, o navio de Ulisses que, segundo a fantasia de Dante, ousou singrar águas proibidas, ultrapassando os limites impostos pela vontade divina, naufragará e levará à morte todos os que desafiaram os desígnios de Deus. Em resumo, o grande navegante grego (e os leitores de Dante) deverão aprender que o conhecimento não pode vir dissociado da virtude.

Neste episódio do fim trágico de Ulisses, renomados pesquisadores como Maria Corti enxergaram uma possível alusão ao aristotelismo “radical” praticado por alguns literatos da época de Dante. O próprio poeta teria se deixado “seduzir” por esse radicalismo nos anos da juventude, isto é, quando escreveu a *Vita Nuova*.

Enfim, a aventura do conhecimento humano deve ou pode ter limites? Para Leonardo, como veremos, talvez não, mas para Dante certamente sim. De fato, com a alegoria da viagem de Ulisses, ele procurou responder a uma das tantas polêmicas em que se envolviam os teólogos da época. Bernardo de Claraval, Hugo de São Vítor e outros consideravam que o caminho certo para chegar à sabedoria deveria passar primeiramente pela estrada que conduz ao amor divino e não podia se manifestar por meio das coisas terrenas, procurando evitar a sedução da *vana curiositas*.

Leonardo desejou o conhecimento sem limites. Neste sentido, foi um verdadeiro gênio, mas o que é ou quem pode ser chamado de gênio? De acordo com o dicionário etimológico italiano Zanichelli, a palavra gênio indicava na mitologia greco-romana a divindade que tutelava a vida de todas as pessoas. Sempre de acordo com o mesmo dicionário, a palavra gênio, no significado atual de talento criador nas mais altas manifestações artísticas ou científicas, só pode ser encontrada a partir de 1685, mais de um século depois da morte de Leonardo. No livro *Vite de' più eccelenti pittori...*, escrito por Giorgio Vasari, não se encontra o termo gênio, mas somente “ingegno” para designar o talento de grandes artistas da época.

De qualquer forma, gênio ou homem de grande “ingegno”, Leonardo foi pintor, escultor, autor de magníficos desenhos, de projetos de engenharia e de incríveis invenções que a tecnologia à disposição na sua época nunca teria sido capaz de realizar praticamente. São tantos os prodígios de talento e capacidade artística que o seu nome tornou-se um mito universal. Mas quem era realmente Leonardo e como se manifestava a sua genialidade?

Se quisermos estabelecer uma comparação entre dois gênios, pode-se confrontar a genialidade de Leonardo com a de Umberto Eco, um dos maiores pensadores e escritores do século XX. O universo de Leonardo era, porém, muito diferente daquele de Eco, porque as informações científicas (e as pressões) recebidas e assimiladas eram bem menores e de natureza diversa. Além disso, é notório que da Vinci exprimia a sua incomum genialidade principalmente por meio da pintura e dos desenhos, enquanto Eco realizava-se como artista e intelectual da palavra e da erudição.

Paolo Rossi (notável filósofo da Universidade de Florença, falecido há poucos anos,) associava Leonardo à figura de um “maravilhoso amador”, isto é, um artista incrivelmente dotado de talento e criatividade, mas, ao mesmo tempo, inquieto e incapaz de encaixar a

sua inata genialidade em esquemas metódicos supostamente científicos. Vasari também se refere ao fantástico conhecimento de da Vinci, mas também ressalta a sua inquietação que o levava a abandonar projetos apenas esboçados.

Enfim, chegamos ao ponto que nos interessa de perto: Leonardo da Vinci (1452-1519) também foi um escritor, mas de uma maneira peculiar. Quem se dispuser a ler os seus pensamentos, fábulas, facécias e bestiários, reunidos na Itália em um único volume, preparado e comentado por Augusto Marinoni (com o título de *Scritti Letterari*), certamente vai se deparar com um escritor original e capaz de realizar “exercícios literários” que convidam os leitores da época (e também os leitores hodiernos) a profundas reflexões sobre a condição humana e sobre a importância da ciência, ainda que se apresentem em fragmentos esparsos e, muitas vezes, sem uma ordem coerente ou precisa.

Com relação às fábulas, podem dar a impressão de ingênuas e pueris, mas demonstram mais uma vez a enorme curiosidade “leonardesca” pelo conhecimento da natureza e dos animais. Para que se tenha uma ideia, basta pensar que alguma delas são muito concisas e se limitam a, por exemplo, especular sobre o desfecho trágico da aranha que conseguiu enfiar-se na fechadura da porta, ou de uma pulga que subiu nos pelos de uma cabra!

A seção do livro que leva o título de “Facécias” nos oferece um vasto repertório de anedotas que fazem referência explícita ao erotismo, lembrando de perto o universo em que se movem os personagens do *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, escrito quase dois séculos antes. O objetivo destas facécias era certamente o de entreter os nobres da família Sforza, de Milão, que protegiam nosso ilustre gênio florentino. Demonstrando um senso de humor muito refinado, desmentem o estereótipo do gênio absorto, extremamente sério e sisudo que frequentemente o imaginário popular atribui aos grandes sábios.

Ao contrário de Dante que, no Proêmio da *Commedia*, utiliza os animais como alegorias dos pecados humanos, na seção intitulada *Bestiario* da Vinci observa os comportamentos dos animais da natureza e procura com eles obter uma moral, ou então propõe uma analogia evidente com o modo de vida dos seres humanos. Há ainda resquícios medievais quando intervém nas observações uma genuína imaginação fantástica na descrição do dragão e do unicórnio, por exemplo. O leão, símbolo da soberba e da arrogância para Dante, aqui serve de exemplo de astúcia para os seres humanos.

Com relação aos *Pensieri* (Pensamentos), a parte mais importante do livro, observa-se o destaque dado à matemática e à observação direta dos fenômenos físicos, antecipando o empirismo do século XVII. No âmbito filosófico, a leitura dos pensamentos nos permite concluir que Leonardo se opôs à cultura escolástica e ao neoplatonismo predominantes em Florença nos últimos anos do século XV. A ele interessavam sobretudo a observação direta da natureza e, conseqüentemente, repudiava o modelo aristotélico-ptolomaico.

Em uma das reflexões ele se declara um “homem sem letras”, isto é, um intelectual com pouco conhecimento do latim, língua oficial da ciência na época. Na verdade, o desenho e a pintura lhe pareciam muito superiores à arte da escrita ou à filosofia, pois possuíam muito mais objetividade, reproduzindo precisamente os fenômenos naturais. Em poucas palavras, acreditava que o desenho poderia evitar o caráter confuso, os

ornamentos inúteis e as metáforas criadas pelo poeta. Além do mais, o seu revolucionário empirismo não poderia ser contido por uma metodologia repleta de regras restritivas que lhe impediriam o livre fluxo da criatividade.

Há também nos seus pensamentos evidentes sinais das ideias de Guilherme de Ockham (1285-1347), que pertencia à escola dos físicos de Paris, além de influências gerais dos filósofos naturalistas do século XV. É muito provável ainda a influência do alemão Nikolaus Krebs (1401-1464), principalmente no que diz respeito à concepção do papel do artista na sociedade, enfatizando as referências à natureza que deve ser “abraçada” como o único organismo vivo. Krebs afirmava que todo conhecimento ligado a Deus é antes negativo que positivo, pois resulta da ignorância e não de uma verdadeira ciência. De acordo com este filósofo, portanto, trata-se de uma ignorância que, tornando-se consciente, acaba por esconder a profundidade de um conteúdo que vai além do conhecimento humano. O nosso intelecto, finito por natureza, não pode descrever completamente a sabedoria eterna de Deus e por isso deve-se recorrer aos símbolos oferecidos pela matemática. Na matemática haveria também procedimentos que se assemelham à natureza divina, como, por exemplo, nos casos de coincidência entre os opostos. É famosa a equiparação feita por Krebs entre a mediação do Verbo encarnado, com sua dúplici natureza, humana e divina, constituindo uma ponte entre o homem e o divino, e o diâmetro de uma circunferência que pode ser aumentado a ponto de diminuir gradativamente a sua curvatura até se tornar uma reta.

Sendo assim, torna-se evidente a influência do pensador alemão sobre Leonardo, que considerava a matemática superior a todas as outras formas de conhecimento.

Outra provável influência sobre a visão de mundo “leonardesca” pode ser encontrada nas ideias de Roger Bacon. Bacon (1214-1292) considerava a prática da experiência para demonstrar os fatos e acreditava também que os planos traçados por Deus para a humanidade previam necessariamente o uso das máquinas. Uma simples observação dos desenhos do gênio florentino nos permite enxergar o quanto para ele eram importantes os projetos de máquinas de todos os tipos, das armas de guerra aos possíveis protótipos dos modernos aviões. Por falar em aviões, uma das profecias presentes no livro alude a um possível voo futuro de um “grande pássaro” que “decolaria” a partir do monte Ceceri, em Fiesole, perto de Florença, “enchendo o mundo de estupor e proporcionando a glória eterna para o ninho em que nasceu”. Trata-se ou não da profecia do futuro aeroplano? Seja como for, os tons proféticos aqui estão sempre associados a possíveis resultados práticos, não constituindo um enigma ou uma charada a ser decifrada, diferindo completamente, por exemplo, de uma profecia bíblica ou de influência bíblica, como as que se encontram em Dante.

Concluindo nossa breve homenagem ao gênio de Leonardo, só nos resta afirmar que ele foi o primeiro artista e intelectual que extraiu conclusões científicas mediante a observação direta da natureza e da anatomia humana, e não mais apenas por meio da leitura dos textos clássicos de Aristóteles ou Platão ou dos textos sagrados. Na opinião dos citados estudiosos Paolo Rossi e Marinoni, entre outros, o seu notável empirismo não chegou a constituir uma verdadeira ciência, com metodologia própria. No entanto, torna-se inegável o impulso por ele dado para o desenvolvimento do conhecimento científico,

principalmente com os desenhos e projetos, mas também com as breves reflexões de que tratamos anteriormente.

O talento de Leonardo era semelhante ao de um hábil artesão. Não foi propriamente um escritor como Dante ou Petrarca, mas nos deixou uma herança cheia de profundas e fascinantes reflexões, além de fábulas só aparentemente ingênuas e anedotas que ainda nos fazem rir, ao mesmo tempo que nos permitem reflexões sobre a natureza misteriosa que nos circunda, sobre o nosso irrefreável desejo de conhecimento sem limites e sobre a nossa condição de angustiados, mas esperançosos, seres humanos.

Julgamos, assim, ter obtido um conjunto expressivo de ensaios densos e instigantes, com colaborações de especialistas em literatura de vários países. Neste número ousamos acrescentar não apenas um ensaio que ressalta aspectos mais propriamente linguísticos que literários, mas também “misturar” autores contemporâneos com escritores clássicos, relatos de viagem com aspectos inéditos da obra de Primo Levi, porque acreditamos que se inserem no desejo de conhecimento impulsionado por Leonardo, não conhecendo fronteiras precisas ou limites ditados por regras ou metodologias “asfixiantes”.

Além da literatura luso-brasileira, sempre presente em nossa revista, neste volume encontramos espaço também para a literatura hispano-americana e para estudos que partem de considerações filosóficas e atingem o universo literário. Esperamos que o presente número alcance muitos leitores, especialistas ou não, acadêmicos ou não, uma vez que os grandes temas da literatura interessam a um público bastante vasto.

Nosso agradecimento especial aos pareceristas. De fato, sem as observações, ponderações e recomendações desse grupo de estudiosos e pesquisadores não teríamos condições de elaborar uma seleção correta e justa das inúmeras submissões de trabalhos que recebemos ao longo do ano. Gostaríamos de agradecer ainda a Tânia Zambini, pela normalização da revista, e aos funcionários do Laboratório Editorial da FCL da UNESP de Araraquara, sem os quais não teria sido possível chegar aos resultados aqui obtidos.

Araraquara, janeiro de 2020.

Os editores